

OS SENTIDOS E CONSEQÜÊNCIAS DO DARWINISMO NAS OBRAS DE NIETZSCHE: SELEÇÃO NATURAL E PODER COMO FUNDAMENTOS À VIDA

JÉFERSON L. AZEREDO

Resumo: O presente trabalho admite que há uma mesma conclusão em Darwin e Nietzsche, as conseqüências do darwinismo estão, apesar das críticas, nos pensamentos nietzschianos, aspectos como, em que a vida é resultado de uma luta, que para o primeiro pode ser estabelecida como eixo central da seleção natural, que promove a evolução das espécies a partir das necessidades de sobrevivência e descendência da espécie, associadas em parte menor a elementos externos como o ambiente e a fatores culturais como formação de grupos. Para Nietzsche a luta é em si mesma a condição de vida, negá-la e morrer. Não são fatores que se associam que dão sentido à luta, ela é o

elemento que proporciona a vida. Quer-se aqui apontar os sentidos que o Darwinismo tem nas obras de Nietzsche. Relaciona-se, Darwin e Nietzsche, sobre a luta pela existência e o desenvolvimento da cultura e da moral.

Palavras-chave: Luta; Seleção; Homem.

Espécie humana, o que seríamos nós?

Para Darwin é uma parte do que ele chama de “Árvore da Vida”, esboçado num dos seus cadernos como uma das representações mais marcantes da Teoria da Evolução. A espécie em questão é produto de processos históricos, cuja capacidade e funções se modificaram no curso do tempo, e que exibem ainda as marcas dos papéis que desempenharam em outros tempos. Estas capacidades transformaram a física, a biológica e a cultural, mas também foram e são transformadas por ela.

O que se pretende aqui é estabelecer uma relação em que aproxima a visão de Darwin a do genealogista do século XIX, Friedrich Nietzsche, em que também procura, a partir de algumas de suas obras, a origem de tudo isso que constitui os seres humanos, mas não como uma “essência”, ou uma natureza ou fundamento último das coisas, pois, não se acha “no seio do ser, no imperecível, na ‘coisa em si’” (KSA 5.16, JGB/BM¹) o que ele mesmo é, mas é um processo histórico – são processos evolutivos (“de” “desenvolvimento”, como Nietzsche gosta de dizer, usando aqui um termo de Hegel – (LIMA, 2003) (Mas! Nietzsche anti-Hegel!). O modo como Nietzsche entende os processos históricos investigados pela genealogia pressupõe muito do pensamento de Darwin – pressupõe a descoberta da evolução por seleção natural, mas há um afastamento, ou melhor, uma negação.

De Nietzsche tem-se uma distancia do que Darwin faz, a ciência empírica ainda precisa da filosofia para mostrar-se válida, e esta como base para se fazer filosofia. Se Nietzsche afirmou em sua tentativa de autocrítica que a grande novidade de sua filosofia consistiu em “*ver a ciência com a óptica do artista, mas a arte, com a da vida...*”, reconheceu ainda (na nota que encerra a primeira Dissertação de *Para a Genealogia da Moral*) que a tarefa propriamente filosófica não poderia ser conduzida a bom termo sem o auxílio das diversas ciências

¹ Seguiu-se para referenciar Nietzsche a convenção utilizada pela revista “**Cadernos Nietzsche**” que adota a proposta pela edição Colli/ Montinari das Obras Completas de Nietzsche. Siglas em português acompanham, porém, as siglas em alemão. Ver quadro indicado no ANEXO 1.

particulares: “Todas as ciências devem doravante preparar o caminho para a tarefa futura do filósofo, sendo esta tarefa assim compreendida: o filósofo deve resolver o *problema do valor*, deve determinar a *hierarquia dos valores*”. A tarefa que Nietzsche propõe para o filósofo não é das mais modestas (esta é uma polêmica à parte). Mas à parte disso, deve-se tentar esclarecer aqui também qual função caberia às ciências empíricas.

Segundo Smith (p. 68-73), Nietzsche confunde as ideias de Darwin com as da NATURPHILOSOPHIE, em que esta última mantém o modelo de evolução epigenético, o clamaria de lamarckista no que se refere à evolução biológica e darwinista no que se refere ao desenvolvimento da moral (FREZZATTI Jr. 2001, p. 17). Procuraremos aqui também esclarecer esta leitura.

Segundo Daniel Dennett, Nietzsche (como Thomas Hobbes e Darwin), teria também sido um sociobiólogo, porque suas teorias sobre o nascimento da moral integram cultura e biologia. (p. 483-9). Darwin identifica-se com Nietzsche, que não deduz a função ou o significado atual de algo da função ou do significado do passado. Quando há uma nova situação o “mundo orgânico” pode ser reinterpretado, aqui Nietzsche e Darwin se assemelham (GM 12² e DARWIN-Origem 431-2.)

Tratar de apontar os sentidos que o Darwinismo tem nas obras de Nietzsche, mostram-se centrais para iniciar a análise. Considera-se que boa parte das referências de Nietzsche encontra-se espalhada, mas, mais da metade, concentra-se no “terceiro período”. Há aforismas que aparecem mais fortemente as ideias aqui discutidas, como em “Anti-Darwin” e “Contra o darwinismo”. Basicamente as questões apontadas por Nietzsche são: a luta pela sobrevivência, a seleção natural e o desenvolvimento da moral.

O que se tem como ponto de partida, é que Nietzsche recusa tais concepções sobre as transformações dos seres vivos, da vida e da própria moral. Compreender a partir da comparação destes conceitos com os apresentados por Darwin permitirá entender as críticas nietzschianas, as influências recebidas, as distâncias assumidas e as suas convergências.

Num primeiro momento apresentaremos alguns sentidos em que o darwinismo pode ser entendido. Segue-se com uma relação entre Darwin e Nietzsche sobre a luta pela existência e o desenvolvimento da cultura e da moral. De Darwin utilizamos os livros “A origem das espécies” (primeira edição, pois das seis publicadas por Darwin a 1^a mostra a seleção natural mais

² Para ler as referências utilizadas de Nietzsche, ver anexo 1.

completa) e a “Descendência do Homem” (pois nela aparece a evolução física, a evolução moral e da mente – antecipa-se aqui que não há mais relação com Deus e a moral é apenas instintos humanos naturais).

Estudos sobre o desenvolvimento e a evolução, são anteriores ao surgimento da Biologia enquanto disciplina, há precursores como Aristóteles procurando analisar o que fez surgir os animais e o próprio homem. Pode-se mapear aqui a biologia, não com o estudo que a medicina fazia ou a geologia, mas independente, quando, no século XIX seu termo foi criado por Burdach, ou ainda Lamarck nas análises vegetais e animais, não desconsiderando que filosofia e biologia mantinham uma reciprocidade maior ainda.

Destaca-se aqui, que o criacionismo predominou em boa parte da história escrita, em que os seres vivos pertencem a grupos fixos desde suas criações.

As questões ligadas ao evolucionismo não dizem respeito apenas a transformação dos seres vivos, mas às do planeta e do próprio universo. Ao contrário de Richard Owen, que considerava haver uma energia intrínseca em que organizaria a vida em apenas uma direção, ou seja dirigiria o desenvolvimento segundo um plano fixo e limitado, Darwin não acreditava na refração da vida, das espécies. Para ele, metaforicamente, há um tronco em que dali a vida vai se ramificando.

Para explicar parte desta ramificação, Darwin se apóia na ideia do isolamento geográfico. A adaptação da espécie ao meio (novo), esclarecendo parcialmente as mudanças. Aqui, novamente é possível perceber que se trata do ambiente e das espécies, nunca pensando-se isoladamente.

A seleção natural de Darwin estabelece assim, na adaptação e na vida que não é mais limitada, uma necessidade essencial de sobreviver, fazendo com que as espécies que possuem as características mais resilientes sobrevivam, na “luta pela vida”. No entanto, mesmo utilizando-se o nome de seleção natural, antes do século XX não é possível associar a ideia ao selecionismo, pois faltariam os estudos desenvolvidos da genética, na leitura das causas da evolução: mutação, recombinação e deslocamento genético. Na falta destes apontamentos desenvolvidos pela genética, faziam com que a teoria da seleção natural sofresse críticas, em que a idade da terra não fosse tão antiga a ponto das espécies não conseguirem exibir suas mudanças. Bem como a incompreensão da transmissão hereditária acreditando-se que a probabilidade é muito baixa para as variações.

A seleção sexual é o princípio mais importante das transformações humanas para Darwin, afastando completamente a presença criacionista ou arquiteto de Deus (DESMOND & MOORE, 1995, p. 566). Este princípio representam as vantagens herdadas na luta pela existência.

A seleção sexual depende do sucesso de certos indivíduos sobre outros do mesmo sexo em relação à propagação da espécie. [...] ocorre entre os indivíduos do mesmo sexo, geralmente machos, a fim de afugentar ou matar seus rivais, na qual as fêmeas permanecem passivas; a outra ocorre igualmente entre os sexos opostos - os primeiros geralmente são fêmeas, que não permanecem passivas, mas selecionam os parceiros que mais lhe agradam. (DARWIN, Descendência, p. 916)

Darwin é lido por alguns estudiosos da sociologia, como Hebert Spencer na Grã-Bretanha e, em maior extensão, por William Graham Summer nos Estados Unidos, utilizando suas ideias para leituras ideológicas. Pode-se até dizer que Darwin tinha medo que sua obra pudesse ser utilizada pelos materialistas do século XIX a favor de reformas religiosas e morais (ARTEAGA, 2008). Talvez o autor nem acreditava mais nas possibilidades metafísicas ou ontológicas de sua teoria, ficando restrito as mudanças do fenômenos empíricos e não os seus porquês, pois, novamente, são noções de leis naturais.

O Sistema Natural para Darwin “não adiciona nada ao nosso conhecimento” (DARWIN-Origem. 398-9) se na época esta a “serviço” das ideias de criacionismo, essencialismo, finalismo e determinismo, representando assim um plano metafísico, uma criação especial com ideia teleológica, isso é repensado e mais ainda, demonstrado por Darwin, nos termos da lei natural. Eis uma aproximação com Nietzsche, mesmo ainda sendo em termos gerais.

Outra aproximação com Nietzsche é o uso da história (levando-se em consideração que ela é utilizada por outros pensadores como Hegel e Marx) (CONSTÂNCIO, 2010; LIMA, 2003). Portanto, fica muito aberto a filiação de Nietzsche a Darwin, pois o próprio conceito “darwinismo” é amplo e recebe agregações históricas e interpretativas muito variadas (FREZZATTI Jr. 2001, p. 27-59).

O que se pretende, portanto, é responder as questões que aproximam Nietzsche e Darwin, relendo que suas críticas produzem outro sentido e não se efetivam a afastarem-se da sua teoria geral. Este talvez seja o maior cuidado ao ler Nietzsche, pois uma leitura recortada não observa o que realmente o autor

pensava, não são contradições lógicas, mas reflexos de um importante pensamento do filósofo, qual seja, de que a efetividade mesma é composta por impulsos que se põem em posições contrárias e que lutam por potência, de “vontades de potência” que, ao lutar por potência, engendram o mundo da efetividade (MÜLLER-LAUTER, 2009). A filosofia dos antagonismos de Nietzsche reconheceria que, “na efetividade, não há nada de fixo, nada permanente, mas somente a torrente incessante do vir-a-ser e perecer” (Idem, p. 42). O evolucionismo, o uso da história, o combate ao criacionismo e à metafísica e ainda a visa de mundo são os conceitos repensados neste trabalho. Portanto apontaremos que há em Nietzsche um darwinismo específico, não excluindo-o desta afirmação.

POTÊNCIA E INFLUÊNCIA

Em Darwin a luta é o eixo central da seleção natural que promove a evolução das espécies. Esta ideia aparece especialmente no capítulo III do “A Origem das Espécies”, antes mesmo da seleção natural. É uma luta que estabelece a permanência e a continuidade pela descendência, “incluindo dependência de um ser de outro, e incluindo (o que é mais importante) não somente a vida do indivíduo, mas o sucesso em deixar descendência” (DARWIN - Origem, p. 116)

Em Nietzsche a luta aparece como três características, uma relação de potências criadoras e constituintes do ser, potência apolínica e dionisíaca; como prazer; e como permanência, esta última que aparece especialmente no terceiro período liga-se aos conceitos heraclitianos de movimento, pois este se constitui justo, pela eterna força dos contrários.

Se para Darwin a luta pela existência é resultado de fenômenos ligados ao ambiente e a reprodução tornando-se uma lei da vida, uma lei que faz os indivíduos dependentes e dispostos a descendência isso, sempre constante, pois se assim não o fossem morreriam, para Nietzsche não se trata dum “peso”, sofrimento ou dor por viver, mas uma afirmação sempre constante da vida, ou seja, dar vazão a sua força gerada como conseqüência a conservação, pois “a característica mais geral da vida não é absolutamente a penúria, a miséria, é antes a riqueza, a opulência e o mesmo o absurdo desperdício – aqui onde há luta, é luta por potência” (GD/CI I cursões de um “extemporâneo” &14).

Não se trata de uma necessidade finalista ou metafísica, mas mais potência, tendo conseqüentemente a luta como uma situação.

Enquanto que para Darwin a luta segue da competição física do ambiente (comida, espaço, água...) - percebe-se uma visão estritamente biológica -, para Nietzsche a luta é opção da vida, “luta por amor à luta” (Fragmento póstumo XI 26[276] do verão/outono de 1884), tanto dominar quanto obedecer dispensa força para tal, há um conceito de poder que transversa os seres, são aspectos vitais do ser, impulsos de vida. “O que se chama ‘alimentação’ é apenas um fenômeno secundário, uma aplicação prática dessa vontade primeira de se tornar mais forte” (Fragmento póstumo XIII 14[174] da primavera de 1888)

Se para Darwin a luta é realizada pelos indivíduos, em Nietzsche, esta se faz no mais íntimo do ser, ou seja, no impulso de poder até as células competem, algumas partes do corpo definham-se (são dominadas) e outras se destacam e dominam, pois “seu desenvolvimento está ligado a um vencer, a um predomínio, de certas partes e ao definhar, ‘torna-se órgão’ de outras” (Fragmento póstumo XII 7 [25] de final de 1886/ 1887). Esta visão de Nietzsche se deve a sua leitura do biólogo Wilhelm Roux, 1881, (RAMACCIOTTI, p. 08, 2008; MARTON, p. 31), bem como o livro “Problemas biológicos” (1882, 2ª edição 1884), de Rolph (JUNIOR, p. 403-419, 2010), uma visão transformista e bem aceita no século XIX, que acrescentava causas químicas a mudança/movimento das células - adaptação funcional, isto pela excitação (Lamarckismo) - que pode ser até mesmo por um tipo de alimento. Roux está excluindo a visão teleológica e até mesmo “forças” metafísicas que eram comuns na época, (COLEMAN, 1977; DELAGE, Y e GOLDSMITH, 1909) Ele se situa numa discussão ontogenética (MARIGUELA, p. 03).

Diferente (mas não totalmente contrário) de Darwin, em Nietzsche há uma luta mais ínfima, portanto há primeiro, uma luta interna (pré-seleção) e só depois uma luta externa. Primeiro há a mudança dos órgãos e tecidos para depois, estes, irem a “luta no mundo”. Esta influencia recebida, não contradiz Darwin, pois se Darwin via a luta acontecer entre os organismos, mesmo não admitindo (ou percebendo) que há uma luta que antecede (luta das células), não desvalida sua teoria, pois depois da luta interna há a luta externa. Os fatores ambientais e alimentares mudam as células obviamente, e portanto a luta muda, pois há novos organismos mudando e indo para a competição, mas para Darwin as mais relevantes são os fatores indiretos, ou seja, os produzidos pelos fatores ambientais, pois eles “aguçam” a uma maior luta. Reduzir os alimentos numa região enfatiza a competição.

Se para Darwin essa ênfase se dá pelos fatores indiretos, não contradiz Nietzsche, pois é aí que haverá uma potência também maior, pois desafios são

espaços/situações que promovem ainda mais o desejo de dominar, aquilo que está ao redor (MARTON, p. 37-38) não se confunde entretanto com o sentido tradicional de vontade, a vontade de potência, do terceiro período de Nietzsche, não é teleológico, pois não há um “querer”, pois não há uma escolha, é antes ele mesmo, ele Iho-é. Resistências, “dificuldades”, contrários, só estimulam por querer ser mais, “o ser vivo quer de preferência da livre curso a sua força” (Fragmento póstumo XI 26 [277] do verão/outono de 1884), portanto para Nietzsche a excitação não é mecânica (Roux) e sim uma auto-regulação pela dominação, “necessita de obstáculos que a estimulem, precisa de resistências para que se manifeste, requer oponentes para exercer-se” (MARTON, p. 42).

Nietzsche na afirmação de que somos pluralidade, “não somos um sujeito único: há uma pluralidade de sujeitos cuja interação e luta formam nosso pensamento e consciência” (Fragmento póstumo XI 40 [42] de agosto/setembro de 1885), chega pela via filosófica, a algo parecido que a via biológica de Roux. Se para o biólogo cada parte do corpo tem autonomia e tenta se preservar, não pensando na totalidade do corpo, mas em si mesma, para o filósofo igualmente é pensado o sujeito por “sujeitos”, ou seja, são as partes independentes e com forças independentes que compõem este ser chamado “indivíduo”. Seria diferente para a consciência? Ela também é uma, independente e que luta por força, por vida (Fragmento póstumo XI 40 [21] de agosto/setembro de 1885).

Se para Nietzsche a luta é intensa, permanente (Fragmento póstumo XI 27 [27] de verão/outono de 1884), e geral, para Darwin elas são somente momentos que garantem a existência, há intervalos (DARWIN - Origem, p. 119). O cessamento da luta significa morte para Nietzsche (Fragmento póstumo IX 11 [132] de primavera/outono de 1881), a própria condição do dominado jamais o permitiria paz, se há nele a vontade de dominação, mesmo na atual situação de não exercê-la, novos movimentos serão criados à realização desta vontade, bem como o dominante querer exercer mais ainda seu domínio. É esta a via da permanência, já assinalado no começo do trabalho, e força destacada para esta compreensão.

HIERARQUIA

É o resultado das forças. A luta pela existência em determinado ambiente transforma as diferenças que são casuais, em vantagens ou desvantagens para Darwin. Todos querem se adaptar. Forças têm diferentes intensidades, pois cada órgão ou indivíduo se estabelece no meio diferente. Alguns se nutrem

mais, e isso, não visando a conservação para Nietzsche, traz “mais”, potencializa a dominação (Fragmento póstumo XII 2[76] do outono de 1885).

Na hierarquia, há equilíbrio, pois como haveria luta se os contrários não existissem? Como há vida se ela for estabilizada? Para Nietzsche a dinâmica também obedece o equilíbrio, pois até a luta incessante não destruiria o dominado, pois é este que promove a continuidade da luta, por mais potencia, por mais vida. Não se vê portanto, que a adaptação de Darwin (também) possa ser tida como freamento da evolução, ou conservação, pois mesmo na aparente final adaptação o organismo continua lutando, não cessa sua luta interna e nem sua luta externa, o mundo não se cristaliza. Não se pode ler Nietzsche, com o transformismo em que procura elevar sua potência, como contraria a adaptação, pois esta não cessa, “eu sou aquilo que tem sempre que se superar a si” (Za/ZA II Da superação de si). Porque se a **preservação** de Darwin for lida como conservação, pensa-se inevitavelmente que há um fim, e volta-se a incluir o autor no finalismo. Como se poderia pensar que a conservação fosse também de Darwin (pois a era da ciência da época)? Pois, isto faria da espécie um organismo com ponto de chegada, e talvez até se possa dizer, um organismo que tem uma consciência metafísica que sabe até quando evoluir e que quando chega “lá” para, se fixa nas suas propriedades. Não seria a luta e seus alcances o maior impulso de vida, isso se vê quando Darwin aposta que as espécies competem, pelo que competem mostra-se apenas o caminho, mas é inegável que de tal competição se visualize a transformação, e esta é irrefreável.

Portanto não se pode ver que Darwin fica apenas nos aspectos dos processos fisiológicos do corpo, mas que é por ali que fortemente se inicia a compreensão de potencia, eis aqui o encontro de ideias, Nietzsche e Darwin.

Vê-se que Nietzsche aponta uma constante ousadia da vida, em que adaptar seria no atual contexto da adaptação ter mais condições de dominar, pois

Os meios que se empregam contra a dor são os que reduzem a vida à sua expressão menor possível: nada de vontade, nada de desejo, nada de paixão, nada de sangue; não comer sal, não amar, não odiar; não se perturbar, não se vingar; não se enriquecer, não trabalhar, mendigar; nada de mulheres, ou o menos possível; quanto ao intelecto – bestializar-se. Resultado em linguagem moral: aniquilamento do eu, santificação; e em termos fisiológicos: hipnotizado, hibernação, mínimo de assimilação compatível com a vida. (GM/GM III &17)

A própria filosofia surge na angustia que faz parte da condição humana, pois pessoas satisfeitas não buscam mais, felizes não necessitam de mudança – o sofrimento cria.

No subproduto da Hierarquia, estão os doentes que não querem se superar e vêm a luta, a dor, o desafio como negações à vida. Procuram remédios para isso (EH/EH Porque sou tão esperto & 10). Está aí a crítica de Nietzsche à ciência que se constituiu. Mesmo Darwin, na ciência, rompendo igualmente com Nietzsche com uma natureza equilibrada (criacionismo), não se pode analisar que Darwin faz parte do grupo que vê a luta negativamente, como caminho e não como elemento do todo. Pois para ele, as mudanças qualitativas causadas pela luta, pelo crescimento e permanência da espécie, se confirmam no desaparecimento das que não o fazem, “todo ser orgânico luta para crescer em razão geométrica; todo ser orgânico, em algum período da vida, durante alguma estação do ano, durante todas as gerações ou em intervalos, tem que lutar pela vida e sofrer grande aniquilação” (DARWIN - Origem, p. 129).

Portanto, para Darwin, o entendimento de conservação contrariaria a evolução, pois estagnar-se é esperar a morte chegar, o que não é opção ou impulso (Nietzsche). A aparente conservação é uma forma de variação que permitiria a evolução, mesmo a limitada pela “escolha” dos criadores, no caso da domesticação, “a domesticação dos animais promove uma variação maior do que a encontrada na natureza” (DARWIN - Descendência, p. 415). É igualmente o que se vê em Nietzsche, em que o caso de “preservar” é para continuar (FW/GC & 349).

Portanto, só se pode dominar por meio da hierarquia, como ação de dominar como ação de superar através da “sustentação do contrapeso das forças mais fracas” (Fragmento póstumo XI 26[276] de verão/outono de 1884).

SUPERAÇÃO DE SI MESMO

O modo como se vive necessita de superação,

Onde encontrei vida, ali ouvi falar a obediência. Todo vivente é um obediente. [...] manda-se naquele que não pode obedecer a si próprio. Tal é o modo do vivente. [...] mandar é mais difícil que obedecer. E não apenas porque aquele que manda carrega o fardo de todos que obedecem, e facilmente esse fardo o esmaga:

Apareceu-me uma tentativa e um risco em todo mandar: e, sempre que manda, o vivente arrisca a si próprio no mandar. Sim, mesmo quando manda em si próprio: também aqui tem ainda de pagar pela mando. Por sua própria lei ele tem de se tornar juiz e vingador e vítima. (Za/ZA II 12).

Em toda teoria da seleção de Darwin, vê-se que as modificações favoráveis se mantêm, passando à descendência, mesmo não se prevendo qual variação será selecionada na luta, nem o local onde vivem. Não se classifica, por Darwin, qual é a capacidade superior que será selecionada, mas seu sucesso para a manutenção da espécie e de sua posterior reprodução. Essa seleção elimina de vez possíveis resquícios criacionistas, a seleção não se vincula a nenhuma finalidade. O que é favorável (útil) fica e o desfavorável (inútil) é rejeitado (Origem, p. 131). Considerando-se aqui que o processo é admitido por Darwin como multi-causado (DARWIN-Origem, p. 99-100).

O tempo passa a ser importante para Darwin, pois as variações sobre essas circunstâncias necessitam de tempo, longo tempo. Mesmo as modificações feitas pelo homem, que acelerariam o processo, necessitam de tempo (diferentemente de hoje).

Se levar-se em conta que as características que as espécies carregam são devidas à seleção na competição pela existência, só há características positivas em todos, e as que “aparentemente” são ruins, é que ainda não foram “rejeitadas”. Tal leitura é obviamente feita pelo biólogo que estabelece a divisão do que foi para o que vir-a-ser, mas ainda se trata de uma visão que pretende estabelecer-se no plano biológico apenas. É somente com Nietzsche que se pode fazer filosofia e estender a visão. A “crítica” que Nietzsche estabelece a Darwin, numa primeira leitura parece à lacuna que há nesta análise, de conservação, quase que uma volta a teleologia, mas, como Darwin não estabelece o que é útil ou não na vida atual da espécie, não é possível entender que uma aparente “inutilidade” serve a espécie em seu equilíbrio de vida, como já falado aqui neste trabalho. O que é “inútil” é o estímulo ao que domina, e este órgão ou variação estaria portanto realizando sua nobre função à vida e portanto à seleção.

O que é, afinal, ‘útil’? Deve-se perguntar ‘útil ao que? Por exemplo, o que é útil à conservação do indivíduo poderia ser desfavorável a sua força e esplendor; o que assegura a manutenção do indivíduo poderia, ao mesmo tempo, imobilizá-lo e congelá-lo em seu desenvolvimento. Além disso, um defeito, uma degenerescência pode ser de uma utilidade

extrema, porquanto ela funcione como estímulo de outros órgãos (Fragmento póstumo XII 7 [25] do final de 1886/primavera de 1887).

Portanto, não se poderia pensar que o “inútil” também promove sucesso?

Se as formas se desenvolvem por mais impulso, até as formas menos favoráveis também não se desenvolveriam?

Se há partes/formas menos favorecidas que não existem mais, não seria certo pensar que há seleção pela utilidade e portanto a luta é pela existência?

Não são os dois pensadores responsáveis por descrever como a vida se procede, um na análise da constituição biológica e o outro nas determinantes gerais?

A utilidade para Darwin não pode ser julgada enquanto a espécie vive, pois tudo o que há esta em uso equilibrado, em uso e utilidade à vida. Se houvesse julgamento a citação de Nietzsche faria sentido, pois estaríamos moralizando o biológico. As partes que aparecem extintas, podem ser pensadas tanto pela utilidade quanto pela sua vontade. Pela utilidade se estabeleceria uma ligação física, uma ligação de luta pela existência apenas, e pela vontade pela sua desistência de existir, pela própria morte, como já assinalado. Não é somente um desenvolvimento do estado inferior para o superior, acontece diferente “um após o outro, em desordem, e um contra o outro” (Fragmento póstumo XIII 14 [133] da primavera de 1888).

As acusações que Nietzsche faz à Darwin, no aforisma “Anti-Darwin”, contra o exagero no efeito das condições externas, só se efetivariam e mudariam toda a leitura aqui proposta se Darwin não tivesse admitido que as condições externas tem menos ação na produção de variações. Admitindo isso, Darwin aproxima-se do que Nietzsche considera:

A influência das ‘circunstâncias exteriores’ é superestimada até o absurdo por Darwin; o essencial do processo vital é justamente essa monstruosa potência formadora que, a partir do interior, é criadora de forma, e que utiliza, explora as ‘circunstâncias exteriores’...” (Fragmento póstumo XII 7[25] do final de 1886/primavera de 1887).

PROGRESSO - EVOLUÇÃO HUMANA

Se as características herdadas são as “vitoriosas” para Darwin, então tudo que se tem nas espécies é evolução. Mas se o que mudou foi para promover preservação, a evolução não deve ser comparativa, hierárquica, mas lida apenas como um processo que destaca o que está sendo usado. E se está sendo usado não está no jogo da luta? No jogo do querer mais poder e dominar? Apontar o que foi mais desenvolvido e chamar de evolução não desvaloriza o que foi “deixado”, pois um dia já o foi para a vida.

Portanto, mesmo na afirmação de uma “ideologia darwinista” (FREZZATTI Jr. 2001, p. 106), por Nietzsche, não é necessária que esta realmente se funde em Darwin, mas na ciência que procura causa e efeito aplicando-o no social, como se o progresso fosse a chegada do homem, e que o hoje é mais importante e melhor que o ontem. Isto se funda na afirmação de que os que ainda continuam de sua espécie mostraram-se mais “lutadores”, que para Darwin pode ser chamado de “superiores”, mas apenas do ponto de vista biológico “Os habitantes de cada período sucessivo na história do mundo superaram seus predecessores na corrida pela vida, e são neste sentido, superiores na escala da natureza” (DARWIN - Origem, p. 343; 448).

Essa limitação do “apenas biológico” pode ser analisada na citação:

Foi argumentado por vários autores que, como poderes intelectuais elevados são vantajosos a uma nação, os antigos gregos, que produziram os maiores intelectos do que qualquer raça já existente, deveriam, se o poder da seleção natural fosse real, ter se desenvolvido ainda mais, aumentando em número e conquistado toda Europa. Aqui temos a pressuposição tácita, tão freqüente a respeito das estruturas corporais, de que há uma tendência inata para o desenvolvimento continuado da mente e do corpo. Mas o desenvolvimento de todos os tipos depende de muitas circunstâncias favoráveis concorrentes. A seleção natural age apenas cegamente. (DARWIN - Descendência, p. 507)

Na via do processo que faz as espécies competirem, as competições se mostram mais importantes que fatores ambientais, do que fatores externos (DARWIN - Origem, p. 362). aqui a diversificação das espécies qualifica. isso é exatamente o que converge para Nietzsche, o impulso é maior do que o que se

pode considerar externo (lembra-se que para Nietzsche não há diferença de impulso interno e externo.)

Essa posição contra Darwin e o progresso, pode ser reavaliada de Nietzsche, ser recolocada a uma ciência baseada em Spencer e seus seguidores (FREZZATTI Jr. 2001, p. 112).

Há uma importante discussão ainda, no que se refere ao progresso moral. Esta discussão abre diversas interpretações na relação dos autores deste trabalho e resultam em análises variadas. O que se pode previamente apontar é que para Darwin há um progresso na moral, na formação do coletivo em que se destaca os instintos de compaixão, este ajuda na seleção natural. É evidente que a moral para Darwin está indissociado da evolução da sociedade e das faculdades racionais, há metas a serem atingidas, em que, “olhando para futuras gerações, não se deve temer que os instintos sociais se enfraquecerão e podemos esperar que hábitos virtuosos tornar-se-ão mais fortes, fixando-se talvez por herança” (DARWIN - Descendência, p. 494).

Este valor dado a moral é diferente para Nietzsche, que a entende enquanto domesticação (*Zähmung*) (Fragmento póstumo XIII 14[133] da primavera de 1888). Substituem-se os valores altruístas pela auto-imposição. Na segunda fase de Nietzsche, quando é trabalhado o prazer como luta pela vida (MAI/HHI &104), - pode-se apontar que é por ele que constitui a moral, bem como lho é transmitido pela seleção³. O prazer funda o que é bom para o homem. Observa-se que na terceira fase o prazer e o sofrimento se entrelaçam e formam um complexo.

É possível aqui, como propósito desta pesquisa analisar a relação de cultura em Nietzsche como um estímulo externo que forma características específicas, que forma características orgânicas (BITTENCOURT, 2011, p.67-86). Aqui se encontra em Nietzsche a influência da teoria da adaptação funcional de Wilhelm Roux, conforme já citado. Ou seja, uma luta contra vizinhos pode ser um grande estímulo externo capaz de criar órgãos.

A escolha ativa, quantitativa e qualitativa, dos meios de subsistência das células, que determina todo o desenvolvimento, corresponde o fato que o homem escolhe também os acontecimentos e os estímulos, ou seja, procede

³ Usado de diferentes maneiras por Nietzsche, a principal e usada como sinônimo de acumulação das forças da humanidade, em que as novas gerações continuem usando o trabalho das passadas. (Fragmento póstumo XIII 15 [65]).

ativamente em tudo que lhe chega de modo contingente.
(Fragmento póstumo X 7 [196] da primavera/verão de 1883)

Entende-se assim, que para formar um novo homem, são necessários condições ávidas.

Ainda no tocante ao progresso, a reprodução parece uma “cultura” para Darwin, pois os “aparentes mais fortes” tendem a se reproduzir. Aqui, a constatação do autor fica no campo da necessidade de preservar o que parece ser mais viável à sobrevivência (BOWLER, 1990; CARMO, MARTINS, 2006).

A seleção sexual depende do sucesso de certos indivíduos sobre outros do mesmo sexo em relação à propagação da espécie; enquanto a seleção natural depende do sucesso de ambos os sexos, em todas as idades, em relação às condições gerais da vida. A luta sexual é de dois tipos: uma ocorre entre indivíduos do mesmo sexo, geralmente machos, a fim de afugentar ou matar seus rivais, na qual a fêmea permanece passiva; a outra ocorre igualmente entre os indivíduos do mesmo sexo para excitar ou atrair aqueles do sexo oposto – os primeiros geralmente são fêmeas, que não permanecem passivas, mas selecionam os parceiros que mais lhe agradam (DARWIN - Descendência, p. 916).

Mas no caso da passividade da fêmea, esta não poderia se atrair por machos “diferentes”, não poderia haver uma atração fora do campo da força ou da atenção? E se não, a atenção que Darwin fala se caracteriza pelo que? Ele não descreve todas as formas de “atrair” dos machos, só no primeiro caso a força é evidente, mas no segundo até mesmo uma fragilidade pode ser atraente. Não se pode separar, no que se refere a espécie humana, que a cultura também determina o que é “mais forte”, “melhor”. Nietzsche amplia esta visão reduzida e utilitarista da reprodução, afirmando que não há a escolha apenas como predileção, mas a expansão é mais forte, ou seja, busca-se nas espécies o exercício do instinto, de mais potencia, e a potência não limita.

Curiosa atividade do intelecto! Sob o impulso sexual, uma pessoa deseja outra enquanto meio de se livrar de seu sêmen ou de fecundar o óvulo da parceira casual. É precisamente isso que ignora o intelecto: ele se pergunta: porque essa cudipez? Ele avalia tudo o que torna uma pessoa desejável e declara: é necessário acreditar que essa pessoa possuía bastante de todas as

qualidades que a tornam desejável! (Fragmento póstumo IX 11[127] da primavera/outono de 1881).

Se na luta pela existência de grupo, com o argumento do surgimento da moral, e pela luta pela reprodução, com a escolha dos mais fortes, são diferentes entre Nietzsche e Darwin, o que se pode apontar como convergentes?

Algumas bases sobre as quais estão assentados o processo seletivo podem conter diferenças, mas a base mais importante não pode ser negada, é aquela que permite a convergência dos autores e o significado da movimento, da vida, das mudanças nas espécies, é a potencia por mais vida, por mais existir, por mais afirmação.

Referências:

ARTEAGA, Juanma Sánchez. O darwinismo e o sagrado na segunda metade do século XIX: alguns aspectos ideológicos e metafísicos do debate. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 28, nº 56, p. 371-382, 2008.

AZEREDO, Vânia D. **Nietzsche e a dissolução da moral**. São Paulo: Discurso/UNIJIÚ, 2000.

_____. Sobre a interpretação deleuzeana de Nietzsche: intra-extratextualidade. In: **Cadernos Nietzsche**. Nº 5. São Paulo: Discurso/GEN, 2000, p. 39-59.

BERGMANN, F.. Nietzsche's critique of morality. In: **Reading Nietzsche**. (Ed. Kathleen M. Higgins, Robert C. Solomon). New York/Oxford: Oxford U., 1988, p. 29-45.

BRUNI, José C. O Tempo da Cultura em Nietzsche. In: **Ciência e Cultura**. ano 54, nº 2, out-dez. São Paulo: 2002.

BITTENCOURT, Renato N. **Revista Trágica**: estudos sobre Nietzsche, Rio de Janeiro, vol. 4, nº 1, 2011, p.67-86 Nietzsche e a fisiologia como método de interpretação de mundo.

BOWLER, Peter. **Charles Darwin. The man and his influence**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

- Cadernos Nietzsche.** (Grupo de Estudos Nietzsche (GEN); ed. Scarlett Marton). São Paulo: Discurso/GEN, 1996-2004.
- CAPONI, Gustavo. A marcha da natureza e seus descaminhos. **Ciência Hoje**, v. 44, n. julho, p. 71-3, 2009.
- _____. Las masas lamarckianas como clases naturales. **Filosofia e História da Biologia**, v. 5, n. 2, p. 295-307, 2010.
- _____. La distinción entre linajes y sistemas: una contribución al entendimiento de la individualidad de los taxones biológicos. **Filosofia e História da Biologia**, v. 6, n. 1, p. 37-47, 2011.
- _____. Os táxons como indivíduos. In: STEFANO, W.; PECHLIYE, M. M. (Ed.). **Filosofia e História da Biologia**. São Paulo: Mack Pesquisa. p. 71-112, 2011.
- _____. O darwinismo e seu outro, a teoria transformacional da evolução. In: **Scientiae Studia**, São Paulo, n. 3, v. 2, p. 233-42, 2005.
- CARMO, Viviane A.; MARTINS, Lilian A. P. Charles Darwin, Alfred Russel Wallace e a seleção natural: um estudo comparativo. **Revista Filosofia e História da Biologia**, v. 1, p. 335-350, 2006.
- COLEMAN, W. **Biology in the Nineteenth Century: Problems of Form, Function and Transformation**. New York: Cambridge University Press. 1977.
- CONSTÂNCIO, João. Darwin, Nietzsche e as conseqüências do darwinismo. **Cadernos Nietzsche**. nº 26, 2010.
- DARWIN, Charles. **On the Origin of the Species**. London: Murray and Sons, 1859.
- _____. **The Descent of Man**. 1871.
- DENNETT, Daniel. **Darwin's Dangerous Idea**. London: Penguin. 1995
- DESMOND, A. & MOORE, J. **Darwin: a vida de um evolucionista atormentado**. Tradução H. Santos; G. Pereira e M. A. Gelman. São Paulo: Geração Editorial, 1995.
- DELAGE, Y. & GOLDSMITH, M. **Teorias da evolução**. Trad. de A. Cortesão. Lisboa, Aillaud e Bertrand, s.d., 1909.

FREZZATTI Jr., Wilson Antonio. **Nietzsche contra Darwin**. São Paulo; Ijuí: Discurso; UNIJUÍ, 2001.

_____. **Estudos Nietzsche**, Curitiba, v. 1, n. 2, p. 403-419, jul./dez. 2010.

GAYON, Jean. La crítica nietzscheana a la lucha por la vida. In: BURGESS, Lucrecia (ed.): **Del ADN a la humanidad**. México: Centro de Estudios Vicente Lombardo Toledano, 2000. p. 53-70.

GIACCOIA Junior, Oswaldo. Nietzsche. Filósofo da cultura. In: **Um passado revisitado. 80 anos de filosofia da PUC-SP**. (Ed. Salam T. Muchail). São Paulo: EDUC, 1992, p. 93-104.

_____. **Nietzsche**. Para a genealogia da moral. São Paulo: Scipione, 2001.

LIMA, José E. S. **Ética, natureza e a insistente busca do fundamento último**, 2003.

MACHADO, Roberto. **Nietzsche e a verdade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.

MARTON, Scarlett Z.. Por uma filosofia dionisíaca. In: **Kriterion**. Vol. XXXV, nº 89. Belo Horizonte: UFMG, 1994, p. 9-20.137

_____. A terceira margem da interpretação. In: **MÜLLER-LAUTER, W.. A doutrina da vontade de poder em Nietzsche**. (Tr. Oswaldo Giacoia Jr.). São Paulo: Anna-blume, 1997, p. 9-48.

MARIGUELA, Márcio Aparecido. Freud e Nietzsche: ontogênese e filogênese. **Revista Impulso**. nº 28. P. 103-110.

MÜLLER-LAUTER, Wolfgang. **A doutrina da vontade de poder de Nietzsche**. (Tr. Oswaldo Giacoia Jr.). São Paulo: Annablume, 1997.

_____. **Nietzsche: sua filosofia dos antagonismos e os antagonismos de sua filosofia**. São Paulo: Ed. da Unifesp, 2009.

_____. **Décadence artística enquanto decadence fisiológica**. A propósito da crítica tardia de Friedrich Nietzsche a Richard Wagner. (Tr. Scarlett Marton).

NIETZSCHE, Friedrich. **Sämtliche Werke - Kritische Studienausgabe (KSA)**. Ed. Giorgio Colli e Mazzino Montinari, 15 volumes, Berlim: Walter de Gruyter & Co.,1988.

- _____. **O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo.** (Tr. Jacó Guinsburg). São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- _____. **A filosofia na idade trágica dos gregos.** (Tr. Maria I. M. de Andrade). Lisboa: 70, 1995.
- _____. **Aurora.** Pensamentos sobre os preconceitos morais. (Tr. Paulo C. de Souza). São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- _____. **A gaia ciência.** (Tr. Paulo C. de Souza). São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- _____. **Assim falou Zaratustra.** Um livro para todos e para ninguém. (Tr. Mário da Silva). 11^a ed.. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- _____. **Humano, demasiado Humano,** tradução de Paulo César Souza, São Paulo, Companhia das Letras, 2001b.
- _____. **Além do bem e do mal.** Prelúdio a uma filosofia do futuro. (Tr. Paulo C. de Souza). São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- _____. **Genealogia da moral.** Uma polêmica. (Tr. Paulo C. de Souza). São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- _____. **Crepúsculo dos ídolos.** Como se filosofa com o martelo. (Tr. Paulo C. de Souza). São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- _____. **O caso Wagner.** Um problema para músicos. / Nietzsche contra Wagner. Dossiê de um psicólogo. (Tr. Paulo C. de Souza). São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- _____. **Ecce homo.** Como alguém se torna o que é. (Tr. Paulo C. de Souza). São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- _____. **Fragmentos póstumos.** (Tr. Oswaldo Giacoia Jr.). 2^a ed. rev.. Campinas, SP: IFCH/UNICAMP, 2002.
- _____. Obras incompletas. (Ed. Gérard Lebrun; tr. Rubens R. Torres Filho). In: **Col. Os pensadores. Vol. Nietzsche.** São Paulo: Nova Cultural, 1999.
- PARMEGGIANI, Marco. Nietzsche. O pluralismo e a pós-modernidade. (Tr. Vânia D. de Azeredo). In: **Cadernos Nietzsche. N° 16.** São Paulo: Discurso/GEN, 2004, p. 121-140.

PENCE, Charles H. **Nietzsche's Aesthetic Critique of Darwin**. *Hist. Phil. Life Sci.*, 33 (2011), 165-190.

RAMACCIOTTI, Bárbara L. **Nietzsche e a ciência: Do Romantismo ao "Novo Esclarecimento" (Aufklärung)**. II Congresso Internacional Spinoza e Nietzsche, realizado na USP entre os dias 28 de setembro e 2 de outubro de 2009.

_____. Nietzsche: a fisiopsicologia experimental ou como filosofar com o corpo para tornar-se o que se é. **Tese de doutoramento**. Defendida em 09 de dezembro de 2002.

RICHARDSON, John. **Nietzsche New darwinismo**. New York: Oxford University Press, 2004.

SHEPS, Ruth (coord.). **O Império das Técnicas**. Trad. de Maria Lúcia Pereira. Campinas, SP: Papyrus, 1996.

SMITH C. U. M., "'Clever Beasts Who Invented Knowing': Nietzsche's Evolutionary Biology of Knowledge", **Biology and Philosophy**. p. 65-91. 1987.

ANEXO 1

Seguiu-se para referenciar Nietzsche a conveção utilizada pela revista "*Cadernos Nietzsche*" que adota a proposta pela edição Colli/ Montinari das Obras Completas de Nietzsche.

Siglas em português acompanham, porém, as siglas em alemão, no intuito de facilitar o trabalho de leitores pouco familiarizados com os textos originais.

I. Siglas dos textos publicados por Nietzsche:

I. 1. Textos editados pelo próprio Nietzsche:

GT/NT - *Die Geburt der Tragödie (O nascimento da tragédia)*

DS/Co. Ext. I - *Unzeitgemässe Betrachtungen. Erstes Stück: David Strauss: Der Bekenner und der Schriftsteller (Considerações extemporâneas I: David Strauss, o devoto e o escritor)*

HL/Co. Ext. II - *Unzeitgemässe Betrachtungen. Zweites Stück: Vom Nutzen und Nachteil der Historie für das Leben (Considerações extemporâneas II: Da utilidade e*

desvantagem da história para a vida)

SE/Co. Ext. III - *Unzeitgemässe Betrachtungen. Drittes Stück: Schopenhauer als Erzieher* (Considerações extemporâneas III: Schopenhauer como educador)

WB/Co. Ext. IV - *Unzeitgemässe Betrachtungen. Viertes Stück: Richard Wagner in Bayreuth* (Considerações extemporâneas IV: Richard Wagner em Bayreuth)

MA I/HH I - *Menschliches allzumenschliches* (vol. 1) (Humano, demasiado humano (vol. 1))

MA II/HH II - *Menschliches allzumenschliches* (vol. 2) (Humano, demasiado humano (vol. 2))

VM/OS - *Menschliches allzumenschliches* (vol. 2): *Vermischte Meinungen* (Humano, demasiado humano (vol. 2): *Miscelânea de opiniões e sentenças*)

WS/AS - *Menschliches Allzumenschliches* (vol. 2): *Der Wanderer und sein Schatten* (Humano, demasiado humano (vol. 2): *O andarilho e sua sombra*)

M/A - *Morgenröte* (Aurora)

IM/IM - *Idyllen aus Messina* (Idílios de Messina)

FW/GC - *Die fröhliche Wissenschaft* (A gaia Ciência)

Za/ZA - *Also sprach Zarathustra* (Assim falava Zarathustra)

JGB/BM - *Jenseits von Gut und Böse* (Para além de bem e mal)

GM/GM - *Zur Genealogie der Moral* (Genealogia da Moral)

WA/CW - *Der Fall Wagner* (O caso Wagner)

GD/CI - *Götzen-Dämmerung* (Crepúsculo dos Ídolos)

NW/NW - *Nietzsche contra Wagner*

I. 2. Textos preparados por Nietzsche para edição:

AC/AC - *Der Antichrist* (O anticristo)

EH/EH - *Ecce homo*

DD/DD - *Dionysos-Dithyramben* (Ditirambos de Dioniso)

II. Siglas dos escritos inéditos inacabados:

GMD/DM - *Das griechische Musikdrama* (O drama musical grego)

ST/ST - *Socrates und die Tragödie* (Sócrates e a Tragédia)

DW/VD - *Die dionysische Weltanschauung* (A visão dionisíaca do mundo)

GG/NP - *Die Geburt des tragischen Gedankens* (O nascimento do pensamento trágico)

BA/EE - *Über die Zukunft unserer Bildungsanstalten* (Sobre o futuro de nossos estabelecimentos de ensino)

CV/CP - *Fünf Vorreden zu fünf ungeschriebenen Büchern* (Cinco prefácios a cinco livros não escritos)

PHG/FT - *Die Philosophie im tragischen Zeitalter der Griechen* (A filosofia na época trágica dos gregos)

WL/VM - *Über Wahrheit und Lüge im aussermoralischen Sinn (Sobre verdade e mentira no sentido extramoral)*

III. Sigla dos fragmentos póstumos:

Nachlass/FP

IV. Edições:

KGB = Briefwechsel: Kritische Gesamtausgabe

KGW = Kritische Gesamtausgabe

KSA = Werke: Kritische Studienausgabe

KSB = Sämtliche Briefe: Kritische Studienausgabe

V. Formas de citação

Para os textos publicados por Nietzsche, o algarismo arábico indicará a seção; no caso de **GM/GM**, o algarismo romano anterior ao arábico remeterá à parte do livro; no caso de **Za/ZA**, o algarismo romano remeterá à parte do livro e a ele se seguirá o título do discurso; no caso de **GD/CI** e de **EH/EH**, o algarismo arábico, que se seguirá ao título do capítulo, indicará a seção.

Para os escritos inéditos inacabados, o algarismo arábico ou romano, conforme o caso, indicará a parte do texto.

Para os fragmentos póstumos, os algarismos arábicos, que se seguem ao ano, indicarão o fragmento póstumo.